

A QUEM INTERESSA O CAOS – III

Internet, Politicamente correto e outras anomalias.

Blogueiros e influenciadores digitais estão na crista da onda, surfando a vontade na internet ganhando dinheiro e fazendo fama; em um mundo que enfatiza a inteligência artificial como próximo passo na evolução humana, talvez essa nata digital possa perder prestígio vindo a tornar-se outro espécime em extinção. Não almejo nem fomento que isso aconteça, mas, são sinais dos tempos insólitos que vivemos, esclarecendo que sempre me pergunto o que é um influenciador digital ou um blogueiro.

Parece que o advento das redes sociais – próxima etapa evolutiva no terreno fértil da internet – facilitou grandemente o surgimento desses “especialistas” que no início eram poderosos formadores de opinião (atletas, desportistas, músicos, pensadores e integrantes do meio televisivo), emprestando seu renome/prestígio para valorizar algum produto ou mesmo comportamento.

As redes sociais permitiram que as pessoas pudessem criar seu próprio canal de comunicação e através dele divulgar suas opiniões, gostos e preferências criando uma audiência própria o que chamou a atenção de grandes conglomerados empresariais que antes careciam dos meios de comunicação de massa para atingir seu público. Como bem afirmou a professora Fernanda Vicentini, professora de Influenciadores Digitais na pós-graduação da ESPM. *"Hoje, essas pessoas conseguem influenciar o comportamento de outras pessoas a adquirir produtos e serviços e até debater assuntos sérios por meio das redes."*¹

Deste modo, um influenciador digital pode criar e também destruir reputações e marcas, o que, na internet pode ser muito perigoso já que é uma terra de ninguém. Percebe-se, então, um enorme risco embutido ao oferecer-se seu produto a um influenciador digital, cuja vida pública está constantemente sujeita a eventual deslize cometido que poderá ser potencializado pela visibilidade que esta pessoa tem e afetará diretamente a marca, que está vinculada ao nome da pessoa. E, quem não comete deslizes... especialmente quando é jovem, rico e famoso?

E temos ainda o aspecto jurídico, já que o seguidor (que não é, nem pode ser chamado de influenciado por uma questão politicamente incorreta), pode ver-se enganado por uma prática sugerida pelo influenciador que lhe tenha causado dano ou prejuízo. Transcrevemos abaixo uma situação recente que ilustra perfeitamente essa situação.

Um caso recente muito comentado no meio jurídico por trazer assunto, até o momento, incomum nos tribunais, diz respeito à condenação de uma influenciadora digital que teve que restituir o valor gasto por uma seguidora, autora da ação judicial, com a compra de um iPhone que não foi entregue pela loja indicada pela digital influencer. Tratava-se de um golpe!

Em sua defesa, a influenciadora digital argumentou que a culpa era exclusivamente da seguidora e que não teria qualquer responsabilidade sobre o prejuízo amargado por ela.

Mas, para o Juizado Especial Cível de Barra Mansa/RJ, os argumentos da influenciadora não foram suficientes para afastar a responsabilidade decorrente do poder de convencimento que ela exerce sobre os consumidores atingidos por sua publicidade, que são incentivados a comprar os produtos que ela veicula.

O erro da influenciadora: ter indicado no Instagram loja que aplicava golpe na venda de iPhone.

O caso em tela elucidado de maneira cristalina a importância da conscientização do influenciador digital sobre sua responsabilidade e compromisso com seus seguidores e também para com a sociedade, de tal maneira que supondo que não deva ser responsável por algo que comente ou indique esteja revestido de uma isenção que o coloque acima do bem e do mal.

Todavia, a nosso ver, o perigo vai para além das relações de consumo quando o influenciador digital também age como formador de opinião, emitindo comentários ou críticas em temas sociais sensíveis que podem, de um lado, engrandecê-lo, mas por outro, pode também levá-lo em direção ao abismo da rejeição. Vejamos, pois, um caso concreto, o da influenciadora digital fitness Gabriela Pugliesi.

Uma das primeiras a ser diagnosticada com Covid-19, ela compartilhou a situação nas redes sociais e, na época, até agradeceu ao vírus por quebrar as barreiras da desigualdade social, entre outras coisas, quando também foi criticada acusada de romantizar a doença. Agora, novamente virou centro de uma polêmica ao furar a quarentena. O caso levantou, então, a questão do papel destas figuras tão novas que são os influenciadores digitais, principalmente por materializarem o ditado *“faça o que falo, mas não faça o que eu faço!”*, induzindo o seguidor a supor que o influenciador aja de maneira hipócrita ou mesmo odiosa, impondo ao segundo duas escolhas: tentar por todos os meios reparar seu erro, ou recolher-se ao silêncio até o esquecimento, assumindo o risco do cancelamento social, midiático e também empresarial, já que eventuais patrocinadores não desejem suas marcas vinculadas a alguém que age em desacordo com o anseio social.³

E, neste sentido, porque não comentar o ruidoso caso do médico brasileiro que ao postar um vídeo ofensivo e machista em sua rede social envolvendo uma cidadã estrangeira viu-se preso e obrigado a prestar esclarecimentos e pedidos de desculpas; não vamos gastar linhas com um caso tão ignóbil em ser reescrito, limitando-nos a deixar links que permitem acesso ao caso e seu desfecho.⁴

Analisando-se esse caso em especial, percebemos um outro risco das redes sociais, seus influenciadores e o público em geral e que diz respeito ao péssimo uso que se faz do politicamente correto; a retratação do médico no caso citado não pode ser glamorizada já que se trata de mínima obrigação social/moral; entretanto, mera retratação não recompõe a situação ao status quo anterior. Seja por meio de pedidos formais de desculpas, seja por indenizações por perdas e danos, o estrago já foi feito em todos os seus aspectos.

Fato é que influenciadores digitais precisam ter consciência de que todos os seus atos e opiniões dentro e fora das redes implica em uma reação social como consequência, positiva ou negativa, do que foi recebido. Caso recente e emblemático que envolveu atrizes globais repercutiu nas redes sociais causando muito estardalhaço e estragos que ainda estão sendo avaliados.

O ocorrido envolveu as atrizes Juliana Paes e Samantha Schmutz quando, inicialmente a primeira proferiu opiniões sobre o depoimento prestado pela médica Nise Yamaguchi seguida de reflexão sobre manter-se sem inclinação política, seja para esquerda ou direita. Juliana Paes também aproveitou para comentar sobre o que pensa do cenário político brasileiro e confessou estar em um *“lugar de desamparo”*, já que não se identifica com nenhum

dos lados. “*Eu não apoio os ideais arrogantes de extrema-direita, não apoio delírios comunistas da extrema-esquerda, eu quero respeito e acolhimento a todas as causas minoritárias, mas eu quero que isso aconteça independentemente de ideologia política*”.⁵

O acontecimento denota uma exigência de que pessoas, principalmente aquelas de imagem pública, tenham um posicionamento declarado com relação à política seja ela nacional ou internacional. Sem a intenção de adentrar num campo tão ardiloso, o que se precisa ter em mente é o fato de que estando descontente com um posicionamento político e também com outro, o indivíduo não pode ser crucificado apenas porque não concorda com ambos, exigindo que tenha ele uma rotulagem declarada que servirá aos interesses daqueles que se usarão dessa rotulagem para criar cadeias digitais de ódio ou apreço.

Fatos como o acima descrito comprovam a tese de que o anseio de tornar-se um influenciador digital traz a baila o perfil de uma pessoa que busca notoriedade, a mesma proferida por Andy Warhol quando afirmou que todos teremos nossos quinze minutos de fama; porém, atualmente o que se quer é muito mais que apenas quinze minutos, mesmo que pareça não almejar tal objetivo, limitando-se a postar hábitos e costumes de seu cotidiano, todo o indivíduo que age neste sentido de alcançar notoriedade. Vale aqui um comentário proferido por Ike Cruz em sua coluna na revista digital VEJARIO:

*“... uma coisa que sempre me intrigou nesses escândalos envolvendo atletas, artistas, políticos e agora os influenciadores. Por motivos óbvios, a porrada é sempre no personagem central, no mais conhecido e que detém fama e contratos. Porém, eles estão sempre cercados de amigos e até mesmo, digamos, assessores. Tudo bem que a responsabilidade é do protagonista, mas por que será que nunca tem uma alma consciente pra evitar a tragédia e dizer no momento crucial: não faça isso, vai dar a maior M...!!!”*⁶

As conclusões preambulares de nossa pequena digressão podem ser catastróficas, ou não, pois tudo dependerá da vontade das pessoas em pensar por si mesmas deixando como acessório as opiniões preferidas por influenciadores, ou deixar-se levar pelo que parece ser o mais fácil e o mais cômodo. E por fim, cabe evidenciar que ausência de posicionamento, que sempre supomos ser momentânea, jamais deve ser confundida com indiferença que é detestável com já observou Antonio Gramsci:

*Odeio os indiferentes. Acredito, assim como Federico Hebbel, que “viver quer dizer ser partidário”. Não podem existir apenas homens, estranhos à cidade. Quem vive de verdade não pode não ser cidadão e não tomar partido. Indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.”*⁷

Politicamente Correto

Me parece que o termo acima constitui uma forma de abordagem comportamental/social sob dois aspectos: o primeiro diz respeito ao indivíduo que segue um padrão de conduta estabelecido pela sociedade, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou comportamentos indesejáveis que possam perturbar a ordem ou serem tomados como ofensivos. Já o segundo possui uma conotação de caráter político, evitando ofender ou marginalizar grupos desfavorecidos, impondo uma espécie de código a ser seguido por todos. E em ambas os aspectos podemos vislumbrar uma pouco sutil forma de cerceamento de liberdade de expressão salpicado de negacionismo quanto a certos preconceitos sociais e/ou políticos. Destacamos aqui uma ótima entrevista da pesquisadora Moira Weigel, autora de “Um Alibi para o Autoritarismo”, indicado como referência.⁸

Deflui-se, então, que o politicamente correto é apenas uma forma abrandada de “*passar um pano*”, deixando a coisa menos pior do que já estava (peço perdão pela expressão “*menos pior*”, mas é o que penso). Tenho a sensação de que o politicamente correto veio apenas para suavizar o mal causado por uma atitude impensada e inconsequente, ou ainda mais grave como tentativa de limitar a liberdade de expressão ao indicar como se deve proceder ao tocar em temas sensíveis.

Peço licença neste momento para propor uma meditação pessoal: desde os tempos de escola de segundo grau, aprendi com minha diletta professora de Biologia (reforçada por minha professora de Geografia), que “*preto*” é cor e negro é etnia, e hoje vejo as pessoas defendendo a expressão “*gente preta*”, como uma dignificação que transcende a respeitabilidade da etnia. Da mesma forma o uso do vocábulo “*comunidade*” evitando-se usar o termo “*favela*”, como se isso pudesse transpor a realidade social, amenizando seu efeito indesejado para uma sociedade preconceituosa.

Fica ainda mais dispare quando adentramos no preconceituoso universo “LGBTIQ+”, que se refere a qualquer pessoa não-heterossexual ou não cis gênero ou fora de normas de gênero pela sua orientação sexual. Qualquer termo que se adote ao referir-se a uma pessoa por sua orientação sexual, seja politicamente correto ou não, sempre trará em seu bojo uma pitada oculta de preconceito.⁹

Creemos que há uma zona cinzenta entre o politicamente correto e o incorreto, vez que é preciso observar a questão do ponto de vista da moralidade e não do moralismo. Se de um lado uma pessoa assume sua sexualidade, sem escancarar deliberadamente como ato de provocação, mas sim tomando uma posição para a vida, não pode ele ser penalizado por isso. Sabe-se de hotéis que não aceitam alugar quartos com cama de casal para parceiros homoafetivos por ser contra a sua política (!). Sob o aspecto criminal o fato torna-se ainda mais grave, já que o Brasil possui a pior média mundial com cem mortes por ano fruto de atos homofóbicos.¹⁰

De outro lado, vemos que certas posturas, adotadas como retaliações públicas contra a homofobia servem apenas para estimular ainda mais o preconceito, já que assemelha-se não a uma ação de resistência, mas sim uma agressão de caráter proposital. Não é nossa meta adotar posicionamentos de qualquer ordem; o que se almeja é incentivar o diálogo e a revisão de nossos próprios comportamentos; alguns dizem (até juram) que não possuem preconceito de ordem sexual, porém quando isso chega ao seio de sua família, procuram adotar ou uma postura crítica condenatória, ou uma falsa isenção (do tipo: “*Isso não é problema meu!*”).

Primeiro, não é um problema mas uma realidade com a qual precisamos aprender e conviver; segundo, não é uma questão local, mas sim global; a adoção de políticas públicas com vistas a rechaçar relações ou uniões homoafetivas eclodem pelo planeta são diariamente orquestradas operando um verdadeiro patrulhamento ideológico que transgride o conceito de liberdade. E de outro lado também há ações de proteção dos direitos e integridade dos homoafetivos, que, entretanto sempre são desrespeitadas por uma parcela da sociedade.¹¹ *Creio que a minha liberdade termina onde começa a do meu semelhante e ali também se inicia a minha responsabilidade em preservar ambas.* Tomemos o cuidado

de não adotar uma posição, seja mais à esquerda ou à direita, sabedores de como o filósofo grego o caminho é o meio.

Aristóteles, um dos grandes filósofos da Antiguidade, não surgiu do nada. Ele situa-se no contexto histórico como discípulo de seus predecessores, especialmente Sócrates e Platão, dos quais recebeu muitos ensinamentos. Em sua teoria sobre a bondade, instrui-nos sobre o valor da virtude, tanto na prática pessoal como em sociedade. É o que veremos nas linhas que se seguem.

Para Aristóteles, a virtude é a habilidade de escolher o grau correto ou a intensidade da ação dentro da escala de possibilidades. Em outras palavras, ser virtuoso é saber escolher o caminho do meio. Obviamente, não podemos dizer que um homem tímido é corajoso: mas estritamente falando, nem que ele é um colérico negligente. Coragem, então, é a medida que vem do medo – que pode perfeitamente ser calculada face ao risco. Similarmente, generosidade consiste em dar a própria quantia – nem mais nem menos – de ajuda, de dinheiro, de bens.

Usando esta noção de virtude, Aristóteles descreve o que é a “grande alma” ou a “magnanimidade”. É a pessoa que consegue unir em si mesma todas as virtudes morais. Nesse sentido, o homem que se avalia corretamente não se engrandecerá e nem se rebaixará, pois tanto uma situação quanto a outra é considerada um vício. Não falará nem muito alto e nem muito baixo. Seu comportamento não será nem arrogante e nem servil. Não procurará o perigo e nem fugirá dele arbitrariamente.

A virtude moral consiste em fazer as coisas corretas. Aristóteles pensa que tais coisas devem ser feitas de acordo com regras apropriadas. Essas regras podem ser descobertas pelo exercício da virtude intelectual, ou seja, a faculdade racional que existe em cada um de nós. A razão é o elemento básico que pode definir o perfeito entrelaçamento entre o meio e o fim. Embora ressalte a autossuficiência do ser humano, não deixou de salientar a validade do convívio social, especificamente ao definir o homem como um animal social.¹²

Escolher a intensidade da ação dentro de uma escala de possibilidades significa não trilhar os tortuosos e oblíquos caminhos do extremismo, cujos resultados já se mostraram terrivelmente nefastos para a humanidade, bastando uma rápida visita aos cenários que antecederam as duas grandes guerras mundiais em que a humanidade foi imersa e até hoje colhe dolorosas lembranças. Desse modo, respeitar minorias de qualquer espécie, sejam elas étnicas, de gênero, de posição política ou status social representa a maior e mais sensível capacidade humana de construir pontes onde se veem abismos.

Influenciadores digitais, formadores de opinião e defensores do politicamente correto são elementos fundamentais na construção de tais pontes, desde que saibam usar seu prestígio neste sentido, evitando inclusive a paixão pelo fácil e os arroubos pelo instantâneo; ressalto que não sigo ninguém e não exijo ser seguido, pois, via de regra, seguidores são como a unanimidade, segundo Néelson Rodrigues que afirmava que toda unanimidade é burra!¹³ Devemos, sempre que possível, evitar o “espírito de manada ou rebanho”, especialmente neste momento da história social em que a internet e as redes sociais liquefizeram a própria sociedade.

Não pensemos, pois, como afirmara o artista plástico Andy Warhol¹⁴, em ter nossos quinze minutos de fama ou concedê-los a alguém que se diz influenciador, mas sim de seguirmos o caminho da lucidez, do bom senso, do respeito e da dignidade; somente assim conseguiremos, de fato, evoluir em melhorias sociais. Reitero também o que já afirmei anteriormente: sejamos mais fraternos e menos solidários, pois enquanto o segundo é passageiro, o primeiro é eterno e aproxima.

Por fim, não nos esqueçamos que foi o livre arbítrio que nos leva a trilhar o caminho, mas também é ele que pode nos desviar para searas inóspitas e perigosas.

¹<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/22/influenciadores-digitais-trabalho-faturamento-digital-influencer.htm>

²<https://canaltech.com.br/legislacao/os-riscos-de-ser-influenciador-digital/>

³https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/04/28/interna_diversao_arte,849067/papel-do-influenciador-digital.shtml

⁴<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57363146>

⁵<https://tracklist.com.br/juliana-paes/106618>

⁶<https://vejario.abril.com.br/blog/ike-cruz/influenciadores-digitais-pandemia-coronavirus/>

⁷<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2019/01/28/odeio-os-indiferentes-de-gramsci-traducao-de-claudia-alves/>

⁸https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/20/politica/1534788456_384604.html

⁹<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/03/movimento-lgbtqia-entenda-o-que-significa-cada-uma-das-letras-da-sigla.htm>

¹⁰<http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-29-anos-de-combate-ao-preconceito/>

¹¹<https://www.camara.leg.br/radio/programas/272728-homossexualidade-3-preconceito-contr-homossexuais-pode-chegar-a-violencia-05-48/>

¹²<http://www.sergiobiagigregorio.com.br/filosofia/etica-em-aristoteles.htm>

¹³<https://www.pensador.com/frase/NTc3MDY5/>

¹⁴<https://www.tiespecialistas.com.br/andy-warhol-e-os-15-minutos-de-fama/>